

## Das Crianças: Como Nascem e Como Vivem

— MAS falemos da coisa mais bonita do kibutz, das crianças. Aqui chegamos à zona das casas das crianças. E eis aqui Lea Cymryng, que recentemente terminou o curso de professora, e agora ensina na escola de Nir Am. Ela lhe falará de nossa educação.

— Hmm, quanta criança, não, Lea?

— É mesmo, temos hoje cerca de 90 crianças em Bror Chail, de todas as idades, das quais quase 50 nascidas aqui mesmo, au melhor, na maternidade de Ber Sheva, nestes últimos quatro anos.

— Como, a maternidade é em Ber Sheva? A que distância é isso?

— A quase duas horas de viagem, pois não se pode correr muito, tendo no caminhão uma *chaverá* em vésperas de ser mãe. E como as coisas geralmente começam à noite, é até uma aventura ter filhos, morando em Bror Chail. Mas o caminhão está sempre pronto.

— Mas que desequilíbrio deve produzir no *kibutz* tantas crianças de uma vez, não?

— Claro; após o parto, durante um mês e meio, a *chaverá* não trabalha, e até seis meses depois, em períodos reduzidos. E não é só com as mães que existe o problema. A educação no *kibutz* é uma coisa científica, proporcionada por pessoas especializadas, não apenas em educação geral, mas em cada idade em particular também. Para cada quatro a cinco crianças pequenas, há uma pessoa cuidando. E onde arrumar, em pouco tempo, as doze educadoras, apenas para os cinquenta filhos menores? Mas não tem importância, apesar de tudo cada filho novo é uma benção.

— E onde aprendem as *chaverot* educação infantil?

— Constantemente realizam-se cursos e seminários especializados. Além disso, há sempre companheiras em estágios em *kibutzim* velhos, para aprender da experiência de educadoras de mais prática. Justamente agora há tôda uma série de companheiras fazendo cursos.

## UNIDADE DOS FATORES EDUCATIVOS

— DIGA-ME, Lea, a educação científica não é uma possibilidade apenas *kibutziana*, não? Afinal, também na cidade, em certa medida, pode-se educar um filho cientificamente.

— Quem educará? A mãe? Com que base? Exatamente uma das tarefas mais especializadas da sociedade moderna, a formação dos futuros cidadãos, é posta em mãos de pessoas que não entendem disso. Não compreendem que educar não é apenas mimar ou gostar muito do filho, isto no *kibutz* também se faz tanto quanto na cidade. Educar é uma ciência, significa compreender as tendências de uma criança, suas qualidades e seus defeitos, saber, entende, *saber* corrigir uns e estimular outros; criar as ocupações, os brinquedos, os jogos, as pequenas responsabilidades, de acôrdo com cada idade e caráter. E isso não se conhece por instinto maternal!

— Além disso, há algumas possibilidades que apenas o *kibutz* pode oferecer. Por exemplo, a unidade dos fatores educativos.

— Unidade dos fatores educativos? O que é isto?

— Na cidade, a criança encontra um tipo de concepções no lar, na família; outro tipo de concepções na escola, por parte dos educadores e professores, e um terceiro tipo ainda, na rua, com seus amigos de rua. No *kibutz*, há unidade nos três fatores: quer com os pais, quer na classe em que estuda, por parte dos professores, quer entre seus companheiros, há as mesmas concepções. O mundo que a criança cresce é muito mais sólido, sua segurança interna nele, muito maior.

— Outro elemento educativo importante: a casa completa, também uma possibilidade exclusivamente *kibutziana*. A criança dorme, lava-se, come, assiste aulas escolares, vive, enfim, na mesma casa, que possui acomodações para tudo. As classes de estudo variam entre 12 e 20 crianças para os menores, e 20 a 30 para os maiores. O professor possui, em classes pequenas, maior possibilidade de acompanhar o estudo de cada aluno por sí.

## A SOCIEDADE DAS CRIANÇAS

— As crianças maiores formam já uma sociedade própria (*chevrat yeladim*), uma comunidade, coisa muitíssimo séria. A sociedade das

crianças rege-se pelas mesmas leis sociais internas que a sociedade dos adultos. A igualdade de direitos, a responsabilidade perante todos, os valores morais. Além disso, possuem um patrimônio (*meshek*) próprio, ferramentas, animais, máquinas, terras, sob sua responsabilidade e cuidado, com o qual trabalham nas horas livres e que deve tornar-se produtivo, de acôrdo com as possibilidades. Conhece alguma forma melhor de educar homens?

## A DESCOBERTA DO PAI

— Mas a relação entre filhos e pais não se enfraquece assim?

— Quarenta anos de experiência educativa no *kibutz* afirmam exatamente o contrário: ela se fortalece. A influência dos pais na educação dos filhos continua tão básica como antes. Aliás, o *kibutz* permitiu a descoberta de um novo fator educativo: o pai. Na cidade, êle vive fora, trabalha, é para seu filho apenas uma espécie de deus ao qual a mãe apela para os castigos. No *kibutz*, não êle é o pai, que passa com seu filho as horas de lazer. Ê o modelo vivo para o filho, que o imita, que quer trabalhar no mesmo ramo, etc.

— Quantos anos estuda um filho de *kibutz*?

— Estuda 12 anos, isto é, recebe educação completa. Casos de talento seguirão cursos universitários. Generalizou-se agora um uso muito interessante entre os *kibutzim*: o 12º ano é passado fora, em cursos de especialização, seminários culturais e ideológicos, em companhia da mesma classe de todos os outros *kibutzim*. Permite aos jovens viver num mundo mais amplo, em companhia de mais *chaverim*, e penetrar também na vida de fora. E olhe, voltam muito entusiasmados... sôbre o *kibutz*.

## CRIANÇAS DO BRASIL PARA BROR CHAIL

— Mas espere, você disse que há cerca de 90 crianças, das quais apenas 50 nasceram no *kibutz*. Quais são as outras?

— As outras quarenta são já maiores, irmãos jovens de companheiros, ou crianças que trouxemos do Brasil para Bror Chail. Mandamos no ano passado um companheiro para lá, Abram Baumvol, exatamente para formar um grupo que, incorporado aos jovens que aqui

já viviam, constituem uma verdadeira comunidade juvenil em Bror Chail.

— Êstes jovens crescem, pois, em nosso *kibutz*, aquí são criados na cultura, na língua, em tôda a vida do *kibutz* e do país. Ligam-se gradualmente aos companheiros mais velhos, que os ajudam e lhes fornecem o natural fundo adulto que todo jovem necessita. Sua educação está a cargo de companheiros que para isto passaram longos cursos especializados. E futuramente, serão eles nossos *chaverim*, membros de Bror Chail. Sabemos que podemos lhes oferecer uma vida melhor e mais rica em nosso *kibutz* do que a de uma criança no Brasil.

— Aliás, as crianças são os únicos aristocratas no *kibutz*, dizem.

Não sei como, neste momento passou o Nuchem Fassa, antigo secretário geral do movimento e hoje um orgulhoso *raftan* (trabalhador do curral). E, não sei como, êle ouviu o comentário de nosso visitante; o que sei sim, é que imediatamente êle entrou na conversa:

— Ê uma velha piada, esta, mas é verdade! Êste negócio de justiça social no *kibutz* é lero-lero! Uma vaca, imagine, uma vaca tem precedência sôbre um chaver, quanto ao tratamento! Calcule, então, uma criança! Onde pensa você que vão parar os 110.000 ovos e as 1.000 galinhas que se come anualmente neste *kibutz*? E os 45.000 litros de leite puro? E os cremes? E os coelhos do Kaplan? E os bezerros do Eli? E os caixões de frutas? E as toneladas de chocolates e marmeladas? No meu estômago? Oxalá que fôsse...

## DE ONDE APARECE O SOTAQUE SABRA?

NUM *kibutz*, há mistérios que ninguém explica. De onde, por exemplo, aparece o sotaque *sabra* de nossos filhos? Um pobre Espirito da Narração como eu engasga-se todo perante tal problema. Porque não há gesto de mão que me faça aparecer o companheiro que consiga respondê-lo...

— “Ah, mas claro, ouvem-no dos outros!” — diz você. Mas não, impossível. Todos nossos filhos são ainda pequenos, nenhum já frequenta a escola dos *kibutzim*, onde poderiam ouvi-lo de outras crianças; não há em Bror-Chail, praticamente, companheiros nascidos

no país, e nenhum dos nossos *chaverim* fala com pronúncia *sabra*. De onde, então, o sotaque? E é só abrirem as crianças a boca para as primeiras palavras e já sou eu obrigado a suportar esta pronúncia.

Sim, suportar é o termo. Porque eu não aturo a fala *sabra*. Para meus ouvidos, habituados ao som harmonioso das línguas latinas, êste sotaque é um verdadeiro castigo.

Você nunca o ouviu? Não é fácil descrevê-lo. Os “r” são guturais e arrastados, as consoantes são pesadamente acentuadas, as vogais se flexionam de forma completamente inesperada. Inesperada pelo menos para mim, e que me fere os ouvidos, como me fere os olhos o sol muito intenso desta terra. Eu, por exemplo, estava acostumado a amortecer, cortar, o fim das palavras. Eis que o *sabra*, ao contrário, o puxa, arrasta; confesso, de certa forma é melodioso, acariciante, mas é-me difícil o habituar a êle, como é-me difícil o habituar-me aos dias quentes de verão, apesar da brisca fresca, também acariciante, que sopra.

Enfim é como eu lhe disse: um mistério, o surgimento de um sotaque assim. De forma geral, a pronúncia *sabra* não soa nem bem oriental, nem bem ocidental; parece antes uma mistura mal amalgamada de ambas, como parece uma mistura ainda mal amalgamada o . . . Mas espere, que estou fazendo eu êste tempo todo? Descrevendo minhas impressões sôbre o sotaque ou sôbre o país?